

DEPARTAMENTO DE MICROBIOLOGIA  
Diretor: Prof. Dr. Dinoberto Chacon de Freitas  
DEPARTAMENTO DE ANATOMIA PATOLÓGICA  
Diretor: Prof. Dr. Euclides Onofre Martins

ESPOROTRICOSE EM CÃES E GATOS \*  
(SPOROTHRICOSIS IN DOGS AND CATS)

D. C. FREITAS  
Catedrático

G. MORENO  
Instrutor

A. M. SALIBA  
Prof. Assistente

J. A. BOTTINO  
Instrutor

E. N. MÓS  
Instrutor

A esporotricose, embora já tenha sido assinalada em várias espécies de animais domésticos (VANBREUSEGHEM, 1958) sempre nos pareceu ser pouco freqüente em nosso meio.

Após haverem LUTZ e SPLENDORE (1907) comunicado a ocorrência do agente etiológico em ratos, poucas observações — e tôdas elas de casos isolados — têm sido objeto de publicação. Pudemos reunir até o presente, na literatura nacional, referências à moléstia em jumentos e muares por AREA LEÃO e col. (1935), MELLO (1935), PIRATININGA (1943) e SALIBA e col. (1963). Um caso assinalado em gato foi referido por FREITAS e col. (1956). SOUZA (1957), MIGLIANO e col. (1963) e LONDERO e col. (1964) observaram casos isolados em cães. No homem, a incidência parece ser também relativamente pequena (LACAZ, 1960).

Entretanto, entre 1963 a êste primeiro semestre de 1964, tivemos oportunidade de comprovar nada menos de 12 casos em cães e 8 casos em gatos, o que modifica, de certa forma, o conceito da raridade da moléstia, pelo menos nessas espécies.

Todos êsses casos vieram às nossas mãos, em adiantado estado de evolução e haviam sido diagnosticados como piodermites ou dermatites alérgicas. O malôgro da terapêutica e o agravamento do processo foi sempre o motivo invocado para a solicitação de exames de laboratório.

À vista dêsses fatos, julgamos de interêsse acrescentar os presentes dados à literatura.

\* Apresentado ao IX Congresso Brasileiro de Veterinária — Salvador, Bahia, 19 a 25 de julho de 1964.

## MATERIAL E METODOS

Os animais que examinamos eram de raça, sexo e idades diferentes e apresentavam lesões mais ou menos semelhantes, distribuídas por diversas partes do corpo.

Raspados das lesões foram examinados ao microscópio em esfregaços corados pelo método de Gram e semeados em meio de Sabouraud maltosado.

Um dos felinos, doado ao Departamento para sacrifício em virtude da extensão das lesões, foi encaminhado ao Departamento de Anatomia Patológica (caso n° 3).

Por motivos independentes de nossa vontade, só pudemos documentar fotograficamente um dos casos.

## RESULTADOS

Todos os animais que nos foram apresentados exibiam lesões que davam, à primeira vista, impressão de piodermite de natureza bacteriana. O exame mais acurado, entretanto, denunciava não só a presença de nódulos de tamanho e consistência variáveis, ulcerados ou não, como também de áreas mais ou menos extensas de tecido necrosado recoberto por crostas escuras, cuja remoção provocava fácil hemorragia. De acôrdo com a localização das lesões, havia infarto ganglionar regional.

Apesar do mau aspecto cutâneo, o estado geral dos animais não parecia grandemente afetado.

O exame microscópico de raspados de lesões permitiu estabelecer desde logo o diagnóstico de esporotricose porque o parasita foi sempre encontrado e facilmente reconhecido pela sua clássica "forma de charuto". A confirmação cultural foi estabelecida em todos os casos, e a identificação do *Sporothricum schencki* não ofereceu dificuldades em face da peculiar distribuição concêntrica dos conidiósporos nas extremidades das hifas. Todas as amostras apresentaram as mesmas características de crescimento e pigmentação nas culturas em temperatura ambiente e deram variantes leveduriformes a 37°C.

O tratamento que instituímos para êsses casos foi o iodeto de potássio na dose de 0,5 g a 1 g, diariamente. Tivemos oportunidade de acompanhar apenas um caso (foto) porque em geral os proprietários não voltaram ao laboratório. Nesse, verificamos melhora rápida do processo, cicatrização das úlceras, desaparecimento de nódulos e recuperação de pêlos. Não houve manifestação de iodismo após 45 dias de tratamento.

O gato sacrificado (caso n° 3) apresentou o quadro anátomo-patológico que abaixo descrevemos, de acôrdo com o relatório enviado:

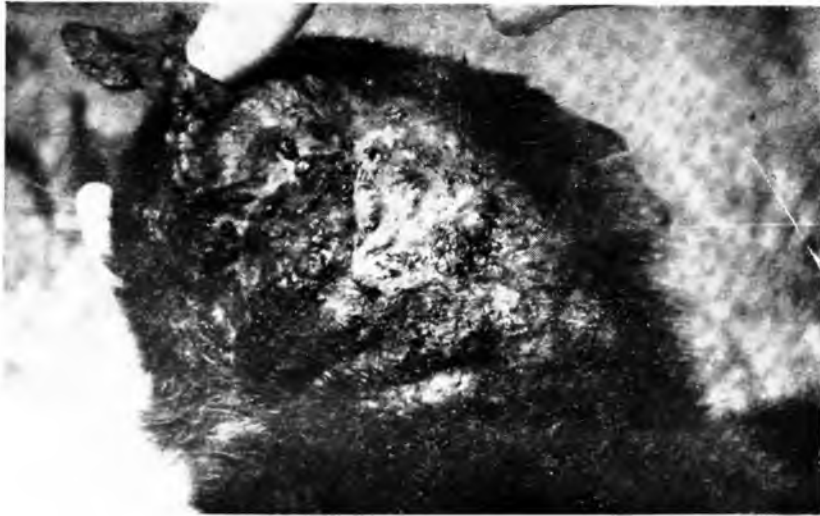


Fig. 1 — Caso n.º 3 — Aspecto macroscópico das lesões observadas na cabeça. Nota-se extensa área depilada, com nódulos, ulcerações em numerosas crostas.



Fig. 2 — Caso n.º 3 — Após o tratamento preconizado.

“Foi sacrificado neste Departamento”, no dia 12-3-63, um animal da espécie felina, do sexo masculino, com 3 anos de idade, S. R. D., pelagem preta e branca, de constituição grosseira, apresentando bom estado de nutrição. Tal animal foi enviado pelo Departamento de Microbiologia, sendo indicado o seu sacrifício por apresentar formações nodulares e ulcerosas na pele, principalmente ao nível do pavilhão auricular, na cabeça, e nos membros anteriores, com intensa destruição de tecidos.

Exame histológico — Os vários fragmentos de pele examinados apresentaram uniformidade de aspecto. O epitélio, que estava com nítidos sinais de acantose e hiperqueratose, apresentava em alguns pontos soluções de continuidade de tamanhos vários, onde via-se superficialmente tecido necrótico, de estrutura homogênea e com numerosos detritos celulares. No derma, o exame histológico revelou tecido de granulação rico em vasos neoformados, fibrócitos, fibroblastos e histiócitos ao lado de forte infiltração neutrofilica e discreta quantidade de linfócitos, monócitos e plasmócitos. Via-se, ainda, notável derrame plasmático e hemorrágico. Entre êsses elementos com forte aumento verificamos filamentos micelianos e formações em naveta coradas em roxo pela hematoxilina. Sob a ação do método PAS estas estruturas mostravam-se PAS positivas. No hipoderma verificamos infiltrado inflamatório em focos, constituído de linfócitos, plasmócitos, ao lado de discreta proliferação histiocitária.

Diagnóstico — Esporotricose.

O exame dos demais órgãos nada digno de nota revelou”.

Reunimos em quadro para visão de conjunto, os casos que constituem objeto desta publicação.

#### DISCUSSÃO

A freqüência da esporotricose em cães e gatos não é tão rara quanto a imaginávamos. A evolução da moléstia deve ser muito lenta, pois as informações que colhemos dos proprietários, concernentes ao início do processo, reportavam-se a períodos de 10 meses, 1 ano ou mais. As primeiras lesões surgiram quase sempre na cabeça, pavilhão auricular ou extremidade dos membros, pontos realmente mais vulneráveis, admitindo que a infecção possa ter decorrido de brigas ou ferimentos outros, particularmente os provocados por espinhos. VANBREUSEGHEN considera o ferimento da pele fator indispensável à instalação do agente. A favor dêsse conceito, observa-se que nos 20 casos estudados houve predominância absoluta de machos — 17:3 — que pode ser relacionada à maior oportunidade que encontram para se ferirem em brigas.

\* Departamento de Anatomia Patológica.

ESPOROTRICOSE EM CAES E GATOS DA CIDADE DE SAO PAULO

Caso n°	Espécie	Raça	Idade (anos)	Sexo	Lesões (Localização)	Exame Microscópico	Cultura
1	Canina	Pastor alemão	4	M	Cabeça — membros	+	+
2	Canina	SRD*	6	M	Tórax — membros	+	+
3	Felina	SRD	3	M	Cabeça — membros	+	+++ (sacrif.)
4	Felina	SRD	7	M	Generalizadas	+	+++
5	Canina	SRD	5	F	Membros posteriores	+	+++
6	Canina	SRD	2	M	Membros anteriores	+	+++
7	Felina	Angorã	4	M	Cabeça — membros	+	+++
8	Felina	SRD	2	M	Generalizadas	+	+++
9	Canina	SRD	1	M	Generalizadas	+	+++
10	Canina	Boxer	5	F	Membros	+	+++
11	Canina	Pastor alemão	3	M	Cabeça — dorso	+	+++
12	Felina	SRD	3	M	Generalizadas	+	+++
13	Felina	SRD	2	M	Generalizadas	+	+++
14	Canina	SRD	4	F	Generalizadas	+	+++
15	Felina	SRD	2	M	Cabeça	+	+++
16	Canina	Boxer	8	M	Generalizadas	+	+++
17	Canina	Boxer	6	M	Cabeça — membros	+	+++
18	Canina	SRD	1	M	Membros posteriores	+	+++
19	Felina	SRD	2	M	Generalizadas	+	+++
20	Canina	Pastor alemão	4	M	Generalizadas	+	+++

\* Sem raça definida.

Dado interessante, que vale assinalar, é que a moléstia não se transmite com facilidade. Todos os casos eram isolados, não tendo ocorrido transmissão mesmo quando houve coabitação prolongada. No caso que é objeto das fotos que apresentamos, a anamnese indicava cerca de 2 anos de evolução e o animal convivia em completa promiscuidade com mais de 20 gatos. Nenhum outro caso foi até hoje notificado.

O tratamento com iodeto de potássio, na dose de 0,5 a 1 g diária promove rápida melhora do processo, mas nada asseguramos quanto à cura completa porque não pudemos observar os animais. No caso documentado nas fotografias, houve aparente cura clínica, após 45 dias, quando interrompemos o tratamento. Houve recidiva após cerca de 2 meses. Provavelmente, parasitas localizados nos nódulos não foram atingidos.

#### CONCLUSÕES

Pelo que relatamos no presente trabalho, parece-nos facultado concluir que:

- 1) A esporotricose não é tão rara entre cães e gatos, quanto parecia ser à vista da documentação bibliográfica nacional.
- 2) O diagnóstico de laboratório é fácil porque o parasita é relativamente abundante nas lesões.
- 3) A evolução é lenta, não parece afetar de modo considerável o estado geral dos animais e parece limitar-se ao tecido cutâneo.
- 4) A transmissão por contágio direto parece ser extremamente difícil, tendo em vista a oportunidade que se ofereceu em muitos casos.

#### SUMMARY

The authors present observations on 20 cases of sporotrichosis, 12 in dog and 8 in cats, during 18 months of observation. They conclude:

- 1) In cats and dogs, sporotrichosis is much more frequent than literature indications.
- 2) Laboratory diagnosis don't present troubles, since the agent is relatively abundant in the lesions.
- 3) Evolution of the disease is very slow and it seems not to affect the general conditions of the patients, since it limits it's action to the cutaneous tissue.
- 4) Transmission by direct contact seems to be very difficult.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARA LEÃO, A. E. de — SILVA, J. O. — PROENZA, M. — 1935 — Sur un cas de sporothricose a "Sporothricum Beurmanni" (Observé pour la première fois chez un mulet). *Bol. Vet. Exercito*, Rio de J., 2 (3): 45-49
- FREITAS, D. C. de — MIGLIANO, M. F. — ZANI NETO, L. — 1956 — Esporotricose — Observação de caso espontâneo em gato doméstico (F. catus, L.). *Rev. Fac. Med. Vet.*, S. Paulo, 5 (4): 601-604
- LACAZ, C. S. — 1960 — Manual de micologia médica. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo, Livraria Atheneu S. A., p. 370
- LONDERO, A. T. — CASTRO, R. M. de and FISCHMAN, O. — 1964 — Two cases of sporothricosis in dogs in Brazil — *Sabouraudia* 3(4):273-74.
- LUTZ, A. — SPLENDORE, A. — 1907 — Sobre uma micose observada em homens e ratos (Contribuição para o conhecimento das assim chamadas Sporothricoses). *Rev. méd. S. Paulo*, 10 (21): 433-450
- MELLO, A. — 1935 — Um caso de esporotricose verrugoide por "Sporothricum Beurmanni". *Rev. Ind. anim.*, 2 (3): 305-314
- MIGLIANO, M. F. — FREITAS, D. C. de — MORENO, G. — 1963-64 — Esporotricose em cães. *Rev. Fac. Med. Vet.*, S. Paulo, 7 (1): 225-233
- PIRATININGA, S. N. — 1943 — Esporotricose em muar. *Rev. Fac. Med. Vet.*, S. Paulo, 2 (3): 219-222
- SALIBA, A. M. — SOERENSEN, B. — MARCONDES VEIGA, J. S. — 1963 — Esporotricose em muar. *Biológico*, 29 (10): 209-212
- SOUZA, J. J. de — 1957 — Esporotricose em cães. *An. VII Congr. Brasil. Vet.*, Recife, 1: 367-371
- VANBREUSEGHEN, R. — 1958 — Mycoses of man and animals. London, Sir Isaac Pitmann & Sons, Ltd., p. 224